



O QUE É UMA MULHER E O QUE ELA ESPERA DO AMOR: CAMINHOS POSSÍVEIS ENTRE LITERATURA E PSICANÁLISE NA POESIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA[√]

Isabela SARTORI*
Juliana Gervason DEFILIPPO**

RESUMO

Pretende-se neste artigo, a partir de poemas das autoras brasileiras contemporâneas Ana Kehl de Moraes, Angélica Freitas, Ana Elisa Ribeiro e Carla Andrade, considerar, no discurso poético, os recursos acionados para tratar do tema amoroso e da constituição da mulher, assim como refletir sobre a concepção do feminino e do amor no discurso poético da literatura brasileira contemporânea. Considera-se, nos textos em análise, os recursos acionados pelas autoras para tratar do tema amoroso e da constituição da mulher. A teoria psicanalítica proposta por Sigmund Freud e revisitada na atualidade por psicanalistas e estudiosos do tema, auxiliará na reflexão sobre a concepção do feminino e do amor.

Palavras-chave: Literatura feminina contemporânea. Poesia brasileira. Psicanálise. Amor. Mulher.

O AMOR ERA EU

A poesia brasileira contemporânea é um terreno que tem sido ainda pouco explorado e estudado, tendo em vista sua diversidade e seu movimento contínuo, logo o material teórico que ora se oferece é escasso dentro dos estudos literários. A atual produção poética revela-se extensa e plural, oferecendo conteúdos, temas, estilos e ambiente de divulgação diversificados. Segundo pesquisadores como Celia Pedrosa (2001), há autores que repercutem as tendências antigas, e há ainda aqueles que exploram tudo o que a contemporaneidade oferece, desde plataformas

[√] Artigo recebido em 28 de setembro de 2016 e aprovado em 30 de novembro de 2016.

* Mestranda em Literatura Brasileira pelo Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). E-mail: <belasartori@gmail.com>.

** Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professora Titular do Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). E-mail: <julianagervason@puccinas.cesjf.br>.

de divulgação distintas a uma poesia característica do sujeito fragmentado e difuso da pós-modernidade.

Durante um longo tempo a voz das mulheres não se fez ouvir e apenas a partir do século XVII alguns homens, como os escritores, atentaram-se para a questão feminina, seus sentimentos e afetos. Segundo a psicanalista Malvine Zalcberg (2007), as próprias mulheres só começam com este movimento de posicionamento e luta no século XVIII, intensificando-se no século XIX, nos quais assumiram o encargo de enunciar a natureza do que querem e pensam. Desta forma, a autora revela que:

Elas tomam a palavra por elas e para elas mesmas, abrindo espaço para que uma plêiade de renomadas escritoras fizesse ouvir a singularidade do universo feminino. Entre todas as maneiras de conquistar a independência sem renunciar à vida amorosa, a escrita é um meio privilegiado não somente de viver, mas de representar – no sentido duplo, representação imaginária e representação política – o estado da mulher liberada (ZALCBERG, 2007, introdução).

No século XIX, iniciou-se um movimento de emancipação de corpos e de espíritos, em que a ideia da sexualidade realizada e do casamento por amor se constituíram pilares da felicidade conjugal. No entanto, a partir do século XX, há um rompimento da dependência social e econômica feminina em relação aos homens. A modificação nesta tradicional posição da mulher teve contribuição de novos fatores culturais, principalmente aos oriundos dos impactos e transformações sociais da Primeira Guerra Mundial, como o acesso das mulheres ao sistema educativo, o ingresso no mercado de trabalho e a uma concretização progressiva das reivindicações femininas. Essa mudança foi preponderante para a formação de uma identidade própria do feminino. Desta forma, os dispositivos de socialização dos dois sexos se aproximaram e as mulheres reivindicaram, cada vez mais, as mesmas atividades, o reconhecimento e os papéis sociais próprios do masculino (ZALCBERG, 2007).

Maria Rita Kehl (2008), também psicanalista, afirma que a mulher enquanto sujeito desejante apresentou-se na literatura com grande crescimento na segunda metade do século XIX. A mulher enquanto leitora foi rapidamente estendida por uma promissora indústria de novelas e romances escritos para e, em seguida, por mulheres, de modo que houve uma feminização de uma área até então dominada

pelos homens. Ainda, segundo Maria Rita Kehl (2008), a presença de mulheres cresceu, tanto com leitoras, quanto com escritoras e a expansão da literatura correspondeu à crescente importância que o amor conjugal e o casamento passaram a ter nos projetos da vida burguesa, abrindo espaço para o enriquecimento do imaginário das mulheres acerca de suas vidas, seja pela fantasia ou pelas novas possibilidades de escolha; compensando frustrações, rompendo o isolamento em que viviam as donas-de-casa e dando voz às experiências isoladas dessas mulheres.

De acordo com a poeta e pesquisadora Prisca Pereira (2004), refletir atualmente sobre as vozes do feminino na poesia brasileira contemporânea não significa o estudo apenas se remetendo apenas à origem fundadora, mas também no contexto da escrita e do discurso em que se encontra o sujeito e o objeto.

(...) A escrita, também enigmática, se assemelha ao sujeito em mutação que, no caso, é identificado com o ser feminino, mas que para Stuart Hall é todo sujeito inserido em uma paisagem cultural, seja ela de gênero, etnia, idade, etc (PEREIRA, 2004, p. 194).

Ainda segundo Prisca (2004), na história feminina, o ato, seja da escrita ou de se doar por inteiro, esteve constantemente ameaçado pela culpa, tão antiga na mitologia e na história bíblica. E isso se refletiu na linguagem poética, que ganhou outro corpo, que de forma subjetiva se apresentou com fala em voz baixa, para desviar o medo, lembrando a linguagem confessional das mulheres em suas cozinhas, trocando confissões e conselhos. A entrada do corpo físico, com seus medos e desejos, fez a junção de uma poderosa relação, na qual a poesia apresenta-se como um instrumento capaz de transpor as condições de gênero.

Nesse contexto, a literatura e mais especificadamente no caso da análise presente neste artigo, a poesia feminina brasileira contemporânea permite perceber a evolução do pensamento social, econômico e político no qual as mulheres, antes submetidas à uma sociedade rigidamente machista, passaram a ter vozes diversas, vozes femininas, que com ou sem objetivos ideológicos explícitos, marcaram a construção da mulher enquanto sujeito. Este estudo parte da compreensão de que o fazer poético permite espaço de voz à subjetividade feminina.

Segundo a análise do poeta e crítico Octavio Paz (2012), apesar de os construtos teóricos como a retórica, a estilística, a sociologia, a psicologia e as

demais disciplinas literárias serem imprescindíveis para o estudo de uma obra, nada podem elucidar em relação à sua natureza íntima. A poesia para Paz, desta forma, não é considerada a soma de todos os poemas e cada criação poética é uma unidade autossuficiente, sendo que a parte é o todo e cada poema é único, irreduzível e inigualável. Essa diversidade denota-se como resultante da história e cada nação ou língua geram a poesia que o momento e seu escritor lhe atribuem.

A pesquisadora Célia Pedrosa (2001), indica que a poesia contemporânea é marcada pela pluralidade de discursos e pela diversidade na recepção crítica, que está em constante construção. A linguagem consegue condensar em poucas palavras a forma estética que provoca emoção ao leitor relacionada ao sentimento de algo que, na obra, diz respeito a nós mesmos. Trata-se de transformar experiências cotidianas em linguagem, com a intenção explícita de quebrar os padrões das matrizes femininas.

De acordo com o psicanalista Joel Birman (1999), a teoria freudiana foi a inauguração de uma releitura da sexualidade, que rompeu com o modelo tradicional biológico e instintivista. Desconstruiu-se, assim, a ideia do sexual como sendo uma experiência traumática de sedução, para concebê-lo no registro da fantasia. Desta forma, a fantasia seria responsável pela inscrição subjetiva do sujeito na sexualidade e no erotismo, sendo este indivíduo marcado pelas pulsões.

O teórico Paul-Laurent Assoun (1993) ressalta que a maior constatação de Freud foi da impossibilidade de se produzir uma resposta definitiva sobre o enigma feminino. E neste sentido, quem melhor responde sobre isto é a arte poética que, segundo ele, encontra o testemunho inconsciente, problematiza suas teorias e, com a menção a problemática sexual feminina, indica a inviabilidade de fornecer uma resposta definitiva.

Segundo Assoun (1993), ao contrário do grande questionamento psicanalítico “O que quer uma mulher?”, a mulher parece saber muito bem, no sentido em que, na impossibilidade de saber o que quer, revelada na constante falta-a-ser e na ausência de um significante de seu sexo, ela busca este querer a qualquer preço. Neste ponto encontra-se o que parece definir a feminilidade inconsciente, um querer incansável, decisões de ruptura e sucessivas que vem a romper categoricamente à relação precedente com a mãe, ligar-se ao pai para em seguida decidir abandonar o desejo incestuoso para constituir o desejo pelo homem.

O amor pelo homem é, portanto, um amor que tenha encontrado seu destinatário (ASSOUN, 1993).

É possível perceber esta busca de um destinatário e um objeto de amor específico feminino no poema presente no livro **Anzol de Pescar Infernos** (2013), da poeta mineira Ana Elisa Ribeiro:

Minha paz, meu segredo,
Antes que você feche a porta atrás de si
tocarei seu cabelo [gris]
pra dizer que não posso mais
ser sem você.

Minha vida anda lá
dentro desses olhos verdes
que você também habita (RIBEIRO, p. 57, 2013).

Como uma demonstração do seu desejo, o eu lírico indica que o afeto, o amor é localizado no homem objeto de amor, sem o qual o eu-lírico não consegue viver sem.

Em relação ao desejo feminino e a constituição do ser mulher, o psicanalista Joel Birman (1999) revela que a feminilidade não é identificada nem na sexualidade feminina e nem com o ser da mulher, ultrapassando a diferença dos sexos, e a oposição entre as figuras masculina e feminina. Refere-se à um outro registro da sexualidade, original até agora no percurso teórico de Freud, que é identificado pela ausência de referência ao falo, sendo pois, original. Desta forma, como registro sexual, a feminilidade se definiria pela inexistência do falo como eixo de construção do sujeito, transcendendo à lógica fálica e remetendo a algo presente igualmente no homem e na mulher.

Birman (1999) ainda revela que, na contemporaneidade, o enigma que verifica-se não é mais o da feminilidade ou da masculinidade ou da diferença sexual, mas sim do que origina a diferença dos sexos, apresentando-se igualmente para mulheres e homens. Desta forma, Freud revelou que ninguém nasce mulher, não sendo essa uma condição natural, mas que é produzida pelas demandas históricas e sociais.

O desenvolvimento da psicanálise demonstra que a mulher não seria a única marcada por uma falta, uma vez que a falta faz parte da estrutura de todo sujeito, masculino ou feminino. Freud revela isso na medida em que formula a ideia da perda

do objeto primeiro de amor como fundamental na subjetividade do sujeito. A grande diferença, de acordo com Birman (1999) é que esta ausência não se inscreve da mesma maneira em homens e mulheres. Segundo Zalberg (2007), é possível dizer que há uma igualdade entre os sexos, uma vez que homens e mulheres apresentam essa falta no âmago do seu ser. A inscrição na linguagem resulta numa divisão de serem falados e falarem e a pergunta de quem é esse que se anuncia é eterna. Assim, Birman releva que:

A feminilidade é a forma crucial de ser do sujeito, pois sem a ancoragem nas miragens da completude fálica e da onipotência narcísica, a fragilidade e a incompletude humanas são as formas primordiais de ser do sujeito. Justamente por isso que o sujeito seria desejante. O que nos move no erotismo é a certeza de nossa incompletude, por um lado, e a crença na completude a ser oferecida pelo gozo, por outro. Contudo, com essa segunda possibilidade não se realiza nunca, sendo uma utopia, pois se na sua pontualidade o gozo como uma pequena morte nos faz crer momentaneamente que a fusão cósmica se realizou para o sujeito, logo no despertar a incompletude se apresenta novamente. A pulsação se apresenta de novo, evocando a nossa insuficiência e finitude. Por isso mesmo, o erotismo é marcado pela repetição no seu ser, sendo um eterno recomeço e um eterno retorno (Nietzsche) (BIRMAN, 1999, p. 54).

O discurso feminista foi bem sucedido em suas propostas e demandas políticas, permitindo a abertura de um outro viés de possibilidades para as mulheres contemporâneas, um novo horizonte social que delineou uma nova escuta de suas demandas, angústias e direitos (BIRMAN, 1999). Desta forma, Birman observa que:

Nesse contexto, o homem não é mais o rival da mulher, o seu inimigo a quem se deve fazer votos de ódio e de quem ela quer se vingar por sua arrogância. (...) a figura do homem passa a ser sobretudo a de um companheiro de brincadeiras e não apenas de responsabilidades matrimoniais, alguém com quem trocar a gratuidade do afeto e do desejo sem qualquer drama. Para que isso fosse possível, contudo, foi necessário que a mulher respeitasse a sua condição feminina, honrando a sua autoestima, de maneira a erguer a cabeça em igualdade de condições com a figura masculina e sair da posição de menos-valia existencial onde de colocara anteriormente. Com isso, é possível brincar com o homem, transformando os encontros amoroso e sexual em algo da ordem do lúdico (BIRMAN, 1999, p. 84).

É possível observar esta parceria amorosa, assim como outros aspectos psicanalíticos até aqui brevemente abordados, nos poemas da escritora paulista, Ana Kehl de Moraes, que revelam questões relacionadas à constituição da mulher, aos temas amoroso e existencial deste feminino contemporâneo, independente,

voltado para si e ao mesmo tempo em relação e vínculo com o outro. Com título **Loving**, o poema denota um eu lírico feminino que se mostra próximo ao ser amado, falando a mesma língua com igualdade e sem subjugação. Ao mesmo tempo essa mulher se inscreve como sendo falado deste homem, ou seja, seu objeto de amor, por seu próprio desejo de estar neste lugar por escolha:

Agora eu falo a tua língua:
Je t'aime
agora,
uma língua tua
eu falo.

.
Agora eu falo a tua língua:
L'amour não tem lugar.
But love lives,
sim,
is nowhere, yes.
Um lugar que não há.

De onde eu falo
agora
E você pode me achar (MORAES, 2011, p. 47).

A partir da segunda metade do século XIX, os casamentos por amor e a busca por amor e felicidade neles apresentaram-se como grandes exigências. A associação entre a emancipação feminina e a união conjugal por amor fez muito sentido, uma vez que o amor seria a existência da mulher daquela época. Segundo a psicanalista Maria Rita Kehl (2008), o casamento selava sua realização pessoal, sendo a felicidade individual uma consequência da felicidade familiar. Assim, a autora explicita:

Mas as moças do século XIX estavam começando a descobrir uma outra rota de fuga para *l'ennui et l'esclavage* que a vida familiar – e em seguida também a vida de casadas – as submetia. Uma fuga que proporcionava também algumas luzes e alguma experiência emocional diversificada: a literatura. A alfabetização das mulheres era uma realidade nas grandes cidades europeias do século XIX; entre 1780 e 1880, o ensino primário e secundário para as mulheres vinha se implantando por toda a Europa; a leitura e também a escrita eram conquistas femininas desde o período revolucionário, embora durante o século XIX encontrassem ainda vasta oposição entre os conservadores. Se a escolarização obrigatória tornava a alfabetização acessível a todas as meninas, em meados do século, o acesso das mulheres a uma educação superior foi bem mais demorado. Para muitos conservadores, uma educação igualitária poderia minar os fundamentos da sociedade (KEHL, 2008, p. 83).

A expansão do número de leitores de romances e novelas no século XIX se devia à necessidade de se ocupar o tempo cotidiano na vida privada familiar e não apenas à maior escolarização da população. A literatura tinha como papel a sublimação necessária para homens e mulheres desvinculados das formas de lazer tradicionais e do domínio da igreja. Neste contexto, Kehl (2008) revela que a figura do amor nos textos, oferecia a fantasia de felicidade doméstica e uma fuga para a rotina familiar, sendo o grande tema da literatura realista.

A escrita tornou pública a experiência feminina, em meados do século XIX, e contribuiu para a constituição da identidade feminina, ou seja, o que resume as experiências subjetivas nas quais a maioria das mulheres se reconhecia como os sentimentos de frustração amorosa, isolamento, dificuldade de expressão as emoções, luta pela autoestima, inibição e hostilidade diante dos homens, fantasias e anseios, tanto os confessionais quanto os ficcionais. Com a publicação das experiências de algumas mulheres, verificou-se uma identificação em que as mulheres reconheceram a si próprias e suas diferenças em relação aos ideais produzidos pelo saber masculino (KEHL, 2008).

Mais subjetivamente, a literatura enunciava o amor como a maior realização da vida da mulher e, por outro lado, dizia sobre a frustração e a angústia advinda da dedicação exclusiva feminina no casamento, revelando o desejo ainda em construção das mulheres de se tornarem sujeitos de suas próprias vidas, em encontro com os ideais da sociedade moderna de autonomia e liberdade individual, que há um longo tempo era oferecido aos homens (KEHL, 2008). Neste contexto, Maria Rita Kehl observa que:

Escrever, 'traçar o próprio destino' como uma heroína de romance (bem de acordo com os ideais românticos que ainda dominavam o ambiente literário da época), tornar-se autora – de textos, poemas, cartas, e afinal da própria vida: não estariam estas perspectivas, presentes nas condições modernas, deslocando o campo das identificações que até então teriam pautado a relação entre as mulheres e a feminilidade? Possibilidades abertas para todo sujeito, difíceis de se realizar plenamente para a maioria, mas que, no caso das mulheres, encontravam alguns obstáculos a mais. Recapitulo rapidamente: a dependência material que infantilizava a mulher burguesa e de classe média e limitava seu campo de ação e circulação; as vicissitudes da maternidade e os discursos morais (particularmente contra a atividade sexual não procriativa) que a acompanhavam; a falta de condições de cidadania que apartava as mulheres da esfera pública e as condenava a um isolamento no espaço doméstico onde a fantasia era a forma privilegiada de realização de desejos e o devaneio nem sempre encontrava seus limites,

esbarrando nas duras arestas das regras que pautavam a vida social (KEHL, 2008, p. 97).

O eu lírico feminino do poema seguinte denota a posição contemporânea desta mulher, na qual pode-se observar que o encontro amoroso e o desejo só são possíveis no momento em que ela se percebe e tem a si mesma:

O meu não
era um não ter a mim.

Assim,
com qual corpo,
eu ia querer você? (MORAES, 2011, p. 40).

A literatura favoreceu o reconhecimento das diretrizes do amor e os escritores que produziam para a aristocracia apresentavam a imagem do perfeito cavalheiro. Nesse contexto do amor cortês, a posição efetiva da mulher na sociedade feudal era de um não lugar para sua individualidade, sendo seu papel de objeto de troca social, como definição de bens e sinal de potência (LOPES, 2009). O poema de Ana Kehl de Moraes transcrito revela uma desconstrução deste lugar feminino do amor, uma vez que ela se coloca na frente do objeto amado, é preciso que haja o individual para que se estabeleça o vínculo com o outro. Logo, a falta fixada neste poema é a de si mesma.

Assim como a criança descrita por Freud, a mulher do século XIX seria, mais sujeita aos princípios que formam as fantasias contrapondo as repressões sociais e sexuais, ou seja, o princípio do prazer. A ampliação da literatura na vida dessas mulheres significou a valorização do imaginário, em um momento em que as regras estavam sendo questionadas pelo início do movimento feminista, com suas reivindicações sufragistas, escolarização da população, métodos anticoncepcionais que modificaram os conceitos de sexualidade e família, alteração da posição da mulher no casamento com a possibilidade do divórcio e a emancipação econômica da esposa. Segundo Maria Rita Kehl, é no plano imaginário que o ego constrói sua estrutura narcísica e que vai constituir os recursos que os sujeitos possuem para responder às demandas do princípio do prazer (KEHL, 2008).

Em relação à temática amorosa, a pesquisadora Maria Madalena de Freitas Lopes (2009) analisa que, nos trabalhos direcionados à psicologia do amor, Freud diferencia a afetividade, sensualidade, amor e desejo, colocando o amor em relação

à ternura, esta última se opondo à sensualidade e marcando uma atitude para com o outro que reproduz a primeira experiência de relação amorosa da criança. Neste caso, o prazer sexual não é independente e surge servindo-se apoiado nas pulsões de autoconservação, quando são satisfeitas as necessidades infantis. A origem do amor pode ser pensada pela escolha primária do objeto feita pela criança, amor pela pessoa que cuida e alimenta. E o sexual, servindo-se dessa teoria, possibilita que o amor contém componentes eróticos, ou seja, libidinais, desde o princípio da formação do sujeito.

Maria Madalena (2009), retomando o histórico da construção amorosa, observa que Noel-Pierre Lenoir, em **História del amor em occidente** (1959), analisa o amor cortês, com o propósito de apreender como esse amor se perpetua, o amor ao amor, o papel civilizatório e as referências às leis. O amor cortês significa uma alteração dos costumes feudais no domínio do erótico, criando um novo sentido pelo qual o amor se dá através de vínculos, convertendo a cortesia em ideal que abrange as atitudes cavalheiras. Segundo Maria Madalena:

O amor cortês inspira um erotismo através da descrição de técnicas de retenção, suspensão, amor *interruptus*, dom de misericórdia... que são da ordem dos prazeres preliminares, que Freud descreve nos Três ensaios. É, em suma, o prazer de desejar, prazer de experimentar um desprazer, valorizando sexualmente os estados preliminares no ato de amor. Quanto ao que está em causa, no contexto do amor cortês, jamais saberemos se se trata de um ato, de uma mística, uma saudação... o dom supremo pode ser apenas o sinal da existência do Outro como tal, uma vez que a técnica erótica se articula no ato de beber, tocar, falar (LOPES, 2009, p. 117).

Segundo a psicanálise freudiana, a forma como homens e mulheres lidam com a falta inerente ao ser humano difere-se, pois os homens verificam essa falta-a-ser enquanto sujeito e as mulheres, além desta falta-a-ser, são marcadas pela ausência de um significante específico de seu sexo. O sintoma do qual sofre o sujeito em cada sexo, determina que eles não entram da mesma forma na relação sexual. No amor, o homem implica a mulher em seu sintoma por toma-la como fetiche em sua fantasia. E a mulher, por outro lado, envolve o homem em sua fantasia como objeto erotomaniaco de amor. O encontro amoroso para a mulher se relaciona também à tentativa de suprir a falta da consistência do próprio corpo.

O amor tem sua origem na infância, na multiplicidade das faces imaginárias do amor. A ideia formulada por Freud faz referência de que um narcisismo originário

está na base do amor objetal. E desta forma, ama-se a si mesmo no outro e amar é o desejo de ser amado. Para a psicanálise, a mulher ama o amor. O que a mulher busca no amor de um homem é que ele seja o significante de seu desejo, aquele que lhe pode revelar quem ela é como mulher. Segundo Zalcberg (2007), é pela via do amor que elas poderão se dizer mulheres.

Consideração esta possível de ser identificada no poema seguinte, da poeta Ana Kehl de Moraes, no qual o eu lírico feminino busca o amor e não necessariamente o homem como sua constituição enquanto sujeito, como o rumo para o que deseja:

esse amor fica em mim como um espaço
possível, à frente,
que se põe pros outros: pro mundo solto e que busca um prumo,
o amor é esse meu rumo pra
olhar pro que desejo
é meu sexo só, é meu pedaço é meu ímpeto lampejo, é meu ver
um fim.
esse amor é tudo o que pedi, pra, sem te ter,
passar a ter a mim (MORAES, 2011, p. 48).

Uma condição fundamental é que, para poder amar é necessário que tenha sido amado, escutado palavras de amor e estar no lugar de amor para o outro. “Se o amor materno é o maior do mundo é porque é um amor que melhor pode nos ensinar a amar” (ZACBERG, 2007, p. 37).

Ainda segundo Malvine Zalcberg (2007), no feminino, denota-se uma operação dupla, do resto do amor que é a do ressentimento pela mãe e o resto do amor do pai. Fragmentos de ressentimento e de amor estes que constroem as vicissitudes da vida amorosa e pulsional da mulher em função das suas diferentes escolhas de objeto. O amor se constituirá um fator importante na busca para a resolução de sua falta-a-ser. Sendo assim, a autora observa que:

A atitude decidida das mulheres frente à sua falta acaba se revelando um grande propulsor das relações que elas estabelecem com os homens no desenvolvimento e exercício de sua feminilidade. As substituições e as transformações no desejo da mulher, Freud as constrói inicialmente em torno da inveja do pênis e do que ela suscita na subjetividade feminina, isto é, em nível de imaginário, do corpo. Era a única variável da qual dispunha para lidar com a questão feminina, como já mencionei (ZALCBERG, 2007, p. 52).

A posição feminina e masculina tem como fundamento a razão fálica, uma vez que o homem só assume sua masculinidade se conseguir fazer uma mulher objeto de sua fantasia e a mulher só assume sua feminilidade ao aceitar colocar-se na posição de objeto na fantasia do homem. Daí a grande importância da questão amorosa para homens e mulheres, uma vez que:

Os labirintos da vida amorosa de homens e mulheres são feitos da articulação dos três níveis – o imaginário, o simbólico, o real – que constituem as respectivas subjetividades. Esses diferentes níveis estão às vezes reunidos, às vezes reunidos, às vezes separados, aqui permanentes, ali transitórios, umas vezes puros, umas vezes mistos. No nível imaginário, amar é demandar. No nível simbólico, amar é desejar. No nível real, amar é gozar (ZALCBERG, 2007, p. 105).

Segundo Zalcberg (2007), a liberdade feminina propiciou o surgimento da urgência do gozo na vida feminina, levando a mulher ao uso do próprio corpo para a satisfação do desejo, através do convite ao homem satisfazê-la sexualmente. A mulher, para a teoria psicanalítica, espera que o amor de um homem, sentimento e sexual, dê a ela o valor fálico, que a identifica como “mulher, amante e fantasia de”. A mulher se inclina mais a uma lógica de absolutização do amor, que a desloca para essa busca, como um preenchimento de sua falta eterna. Desta forma, revela-se o poema **Expressão**, de Ana Kehl de Moraes, no qual, a partir da inscrição da mulher no desejo do outro e do surgimento do sentimento amoroso em sua vida, ela percebe-se sujeito de si mesma:

Depois de dizer que eu te amo,
olhei meu rosto no espelho e, pela primeira vez, me reconheci (MORAES, 2011, p. 53).

Verifica-se que, ao mesmo tempo em que para a psicanálise tem-se a constituição do sujeito feminino através de ser objeto de amor no desejo de um homem, na concepção contemporânea desta mulher, percebe-se que ela se inscreve como sendo este objeto de desejo masculino, mas pelo fato desta mulher ter esse desejo e permitir, neste momento, se inscrever neste lugar. Não mais como uma imposição da sociedade, mas pelo seu desejo. É o que podemos ver no poema **Autonomia**:

Meu corpo inteiro:

faça dele o que quiser,
tudo que fizer,
era justo o que eu queria (MORAES, 2011, p. 34).

Atualmente, percebem-se fatos contraditórios em relação às conquistas femininas. De um lado essa autonomia social e profissional que contribui para a independência da mulher. Por outro lado, percebe-se ainda a aspiração de encontrar o amor em sua vida, busca essa que remete à consequência de não ser toda e precisar desse amparo para seu ser (ZALCBERG, 2007). Essa dualidade é vista em poemas como **Banquete de palavras**, da poeta Carla Andrade (2013).

BANQUETE DE PALAVRAS

Os sinos e suas gargantas,
mais um dia.
Becos e cheiro de baunilha.
Em cores, o cerol dos olhares
transeuntes.

Meus pensamentos preparam o banquete:
portas batidas, cortinas na ventania.
Espero a antropofagia.

Não me ame.
Sou varanda para mim mesma,
com graduação na ousadia
de revirar o novo
à espera de mais uma mentira.

E sigo no parapeito do destino.
Com esse bom gosto pelo inútil,
o invisível em mim
Nos classificados, a contramão:
procura-se quem se doe (ANDRADE, 2013, p. 32).

Verifica-se no referido poema um eu-lírico feminino independente nas esferas pessoal e profissional, com autonomia de fazer suas escolhas e construir sua vida, mas que em contrapartida também busca o amor do outro, alguém que se doe para essa mulher e para a relação.

Outra questão inerente à busca amorosa feminina contemporânea perpassa pelo reconhecimento e pela expectativa de reciprocidade nas relações afetivas. Segundo Zalcborg, para a psicanálise:

A reciprocidade no amor é uma adequação lógica e necessária, é a aceitação por parte de um dos parceiros – voluntária ou não – a ser o sustentáculo do amor no outro. A reciprocidade implica que se alguém ama

um outro é porque este condescendeu a aceitar, através do seu sintoma, ser o parceiro de seu amor que encobre seu desejo e seu gozo. Atrás dessa palavra de amor é preciso compreender o amor freudiano, isto é, amor, desejo e gozo numa só palavra (ZALCBERG, 2007, p. 178).

A reciprocidade amorosa pode ser verificada no poema **Eu durmo comigo**, de Angélica Freitas (2012), no qual o eu-lírico, independente, dono de sua vida, de sua história, equilibrado e estruturado, busca um companheiro para dividir e compartilhar, tendo um lugar de complemento de tudo que a faz mulher. Desta forma, verifica-se:

eu durmo comigo

eu durmo comigo/ deitada de braços eu durmo
comigo/ virada pra direita eu durmo comigo/ eu
durmo comigo abraçada comigo/ não há noite tão
longa em que não durma comigo/ como um trovador
agarrado ao alaúde eu durmo comigo/ eu durmo
comigo debaixo da noite estrelada/ eu durmo comigo
enquanto os outros fazem aniversário/ eu durmo
comigo às vezes de óculos/ e mesmo no escuro sei que
estou dormindo comigo/ e quem quiser dormir comigo
vai ter que dormir do lado (FREITAS, 2012, p. 55).

A dificuldade amorosa feminina revela-se como um dos principais sintomas contemporâneos e um dos grandes significantes da atualidade, na qual as relações são estabelecidas superficialmente, em escolha a amores e afetos flexíveis, com conexões fluidas ou líquidas, temporárias e em infinitas mudanças. Segundo Zalcberg, nesta recorrente situação de nossos tempos, percebe-se que o significante fálico da representação do homem na vida de uma mulher não mais exerce essa função de moderação (ZALCBERG, 2007). Desta forma, percebe-se o poema **14HS** de Ana Kehl de Moraes (2011):

O amor era eu.
E de manhã estava aqui.
De frente à cama o espelho
- mas estava aqui sem me avisar.
Eu dormia.
Quando me gritou, enfim,
Já era de tarde
Era tarde
Mas como tarde?
Se agora
Duas horas
Eu me levanto
Se agora
Só agora
é que eu me vi? (MORAES, 2011, p. 36).

Neste poema, é possível perceber que a mulher ama o amor, sentimento capaz de inscrevê-la no mundo enquanto sujeito feminino. Mas o poema revela não mais uma mulher subjugada somente ao desejo do outro, e sim que assume e permite para si e em suas relações, anseios, exigências e desejos.

Contemplar poemas de quatro autoras brasileiras, à luz da psicanálise, permite-nos contemplar, também, novos rumos para o feminino na contemporaneidade. É possível ver na poesia que ora se edita, escreve e insere no discurso poético, uma transformação do feminino e da feminilidade, tal como se desenhou por tantos séculos e que, freudianamente, permite entrever não apenas o que quer uma mulher, mas talvez – e com cuidado – o que é uma mulher e o que ela espera do amor.

**WHAT A WOMAN IS AND WHAT SHE EXPECTS FROM LOVE:
POSSIBLE WAYS BETWEEN LITERATURE AND PSYCHOANALYSIS IN
CONTEMPORARY BRAZILIAN POETRY**

ABSTRACT

In this article, we intend to consider, from poems of contemporary Brazilian authors Ana Kehl de Moraes, Angélica Freitas, Ana Elisa Ribeiro and Carla Andrade, the resources activated to deal with the loving subject and the constitution of women, as well as reflect on the conception of the feminine and love in poetic discourse of contemporary Brazilian literature. It is considered, the texts in question, resources triggered by the authors to treat the love theme and the constitution of women. Psychoanalytic theory proposed by Sigmund Freud and revisited today by psychoanalysts and theme scholars will assist in thinking about the design of women and love.

Keywords: Contemporary women's literature. Brazilian poetry. Psychoanalysis. Love. Woman.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carla. **Artesanato de perguntas**. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2013.

ASSOUN, Paul-Laurent. **Freud e a mulher**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1993.

BIRMAN, Joel. **Cartografias do Feminino**. São Paulo: Editora 34, 1999.

FREITAS, Angélica. **O útero é do tamanho de um punho**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

FREUD, Sigmund. **O mal estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930 – 1936)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamento do Feminino**. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

LOPES, Maria Madalena de Freitas. **Conceito de amor em psicanálise**. São Paulo: Centauro, 2009.

MORAES, Ana Kehl. **Não falo**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2011.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira: o poema. A revelação poética. Poesia e história**. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2012.

PEDROSA, Celia. Considerações anacrônica: lirismo, subjetividade, resistência. In: CAMARGO, Maria Lucia de Barros; PEDROSA, Celia (org). **Poesia e contemporaneidade: leituras do presente**. Chapecó: Argos, 2001.

PEREIRA, Prisca Augustoni de Almeida. A encarnação da escrita feminina na poesia contemporânea brasileira. **Revista Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 8, n. 2, p. 189. 2004.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Anzol de pescar infernos**. São Paulo: Patuá, 2013.

ZALCBERG, Malvine. **Amor paixão feminina**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.